

**Veja**

**21/7/1976**

**ESPECIAL**

## **OS BARÕES DO AÇÚCAR**

Nesta época do ano, mal amanhece o dia, as primeiras queimadas começam a se alastrar pelos extensos canaviais paulistas. É um fogo ligeiro, superficial, que só queima a palha nos colmos e preserva a haste para o corte da cana. No entanto, as labaredas se elevam a dezenas de metros e o crepitar da palha queimada se propaga por quilômetros. Uma fuligem fina invade a cidade de Piracicaba, os campos de Ribeirão Preto, as ruas de Barra Bonita. Quando tudo cessa, as plantações resfriam, os carcarás aparecem em bandos devorando os cadáveres de lagartos, vermes, ratos do campo e pássaros. Atrás, surgem os cortadores, guinchos, tratores e esteiras, degolando as hastes chamuscadas da cana, marcando a temporada anual de uma atividade fortalecida, mais do que nunca, este ano, especialmente em São Paulo, pelo Programa Nacional do Alcool.

Seria, na verdade, um novo ciclo da cana-de-açúcar. Até 1980 o país deverá estar preparado para produzir cerca de 3 bilhões de litros de álcool, para fins industriais, comerciais e para adição — na base de 25% — à gasolina, de acordo com as previsões do Programa. Além disso, espera-se uma produção de açúcar na casa dos 10 milhões de toneladas (170 milhões de sacas de 60 quilos), 40% das quais para atender a uma demanda internacional estimada em 19 milhões de toneladas. E, se as tentativas do motor movido unicamente a álcool vingarem — possibilidade bastante próxima, a Fiat brasileira, recém-inaugurada, já vem fazendo alguns testes —, por certo se abrirá para a cana um horizonte que nenhuma outra cultura, em qualquer fase da história do Brasil, conseguiu vislumbrar.

Uma nova aristocracia floresce nos generosos campos do sudeste: a dos barões do açúcar, legítimos sucessores dos que construíram seu império à sombra dos cafezais. A civilização do café, no entanto, cultivava, com estudado requinte, o fausto e a opulência. A do açúcar, mais pragmática, giraria em torno de uma meta única, espécie de palavra mágica a motivar sua gente — produtividade. Os senhores do café vicejavam nos salões das capitais. Os do açúcar nunca saem de perto de suas fortalezas, as usinas. A transferência do poder teve por cenário a cidade paulista de Ribeirão Preto, que, apesar de tudo, ainda suspira de saudades da nobreza cafeeira. Foi em suas terras que desembarcou, na década de 1880, proveniente de Minas Gerais, o fazendeiro Henrique Dumont, pai do inventor do avião Alberto Santos Dumont, e que se tornaria, com 5 milhões de cafeeiros, o primeiro "rei do café". "Os coronéis do café fizeram metade de Ribeirão Preto", garante o historiador local Rubens Cione, que até hoje lamenta a demolição, em 1942, do Teatro Carlos Gomes, com seus mármore de Carrara, madeiras da Rússia, telhas de Marselha e lustres da Checoslováquia. "Os homens do açúcar não seriam capazes de fazer coisa igual, pois não gostam de gastar", diz ele.

Curiosamente, foi Dumont quem possibilitou o surgimento em seus domínios dos atuais barões. Ele tinha muita confiança na força do braço imigrante, em substituição ao trabalho escravo. Tanto que comandou uma campanha para atrair imigrantes e, a seu convite, acorreram principalmente os vênets, enquanto seus patrícios do centro da Itália, os mezzogiorni, se fixavam no comércio e na indústria. É nesses homens — os Ometto, Biagi, Balbo, Marchezi, Meneghel, Dedini, entre tantos outros — que repousam os pilares da nova explosão do açúcar, apesar de o pioneiro ter sido o toscano Pedro Morganti. Este chegou ao Brasil em 1890, com 14 anos de idade, trazendo um livro de Garibaldi na bagagem e uma fé profunda nos poderes dos fertilizantes, da tecnologia e da República. Morganti fundou a Companhia União dos Refinadores e no auge de seu império, em 1939, ele, que foi

considerado o primeiro "rei do açúcar", chegou a produzir 1,5 milhão de sacas de açúcar e perto de 18 milhões de litros de álcool.

Construção — Enquanto isso os vênets subiam passo a passo, construindo sólidos alicerces. "Nós somos os mineiros da Itália", diz um deles. De fato, em geral, são homens de poucas palavras, avessos à publicidade ou à ostentação. Chegam a criticar nos mezzogiorni bem-sucedidos a atração pelas colunas sociais. Não é por outra coisa que os gastos pessoais do atual "rei do açúcar", Luiz Ometto — proprietário da usina São Martinho, com capacidade para produzir 4 milhões de sacas anuais —, não excedam, segundo os cálculos de um amigo, 10 000 cruzeiros mensais. "Tio Luiz", como é tratado pela família, se considera "um homem da enxada", julga que uma vida fácil enfraquece as novas gerações e, apesar dos seus 70 anos, conserva o hábito de se levantar diariamente às 5h30 da manhã para inspecionar a usina. "Não tenho tempo para visitas ou viagens", revelou ele a Regina Machado Curi, de VEJA, "só sei conversar de negócio."

Certamente, assunto não falta para o "tio Luiz". Ele é o último sobrevivente dos sete filhos do casal Antonio Ometto que chegou em 1888 ao Brasil e cujos descendentes se constituem hoje na família que mais açúcar produz no mundo. Na última safra, os Ometto responderam por 12,35% da produção nacional — mais que qualquer outro Estado do país, com exceção de Pernambuco. Este ano eles deverão atingir 18,6 milhões de sacas. O início da fortuna não foge ao padrão característico dos novos barões. No início do trabalho colono, as economias para a aquisição do primeiro sítio. Em seguida, vieram a compra de um pequeno engenho de pinga, a acumulação gradativa de canaviais em volta até se chegar às usinas de açúcar. Dada a largada, no caso dos Ometto, cada irmão partiu para seu lado se constituindo em quatro grupos independentes, embora mantenham até hoje ligações acionárias em vários projetos — grupo Pedro Ometto (usinas da Barra, Santa Bárbara e Costa Pinto), Luiz Ometto (Iracema e São Martinho), Hermírio Ometto (São João) e grupo João Ometto, que participa acionariamente dos outros três.

Aprendizado — Caminhos semelhantes foram percorridos pela família Biagi. Natal Biagi, o primeiro a chegar, desembarcou em Santos em 1888 e foi morar em Itatiba (SP). Lá, arrumou emprego com um fazendeiro que pretendia abrir uma olaria em Sertãozinho. "Quando o futuro patrão perguntou a meu avô se ele sabia fazer tijolo", conta Maurílio Biagi, ao lado de seu irmão Baldílio, líder de um conglomerado que deverá faturar 2,7 bilhões de cruzeiros este ano, "como bom italiano, ele deve ter respondido: 'Eh, e come'." Se não sabia aprendeu rapidamente, a ponto de iniciar seu próprio empreendimento quando lhe foi negado aumento de salário. Muito tempo depois, quando um rapaz perguntou a seu filho Pedro Biagi, também falecido, o "segredo do negócio", a resposta foi simples: "Compre um terreno com argila e põe uma pipa para fabricar tijolos, depois outra e outra", explicou o velho. "E não pense em comprar carros. Economizando bem, depois de uns quarenta anos você poderá ter seus canaviais, suas usinas e daí poderá comprar seu carro." E, como conselho final, arrematou, "mas escolha um Volks de segunda mão, bem baratinho, viu?"

Uma orientação nem sempre seguida à risca. A quarta geração da família Biagi — o jovem Luiz Lacerda Biagi, filho de Maurílio — tem um vistoso Porsche esporte. Ocupa, porém, o mesmo quarto, com os mesmos móveis e pertences onde dormia no início do século seu antigo dono, coronel Francisco Schmidt, um dos reis do café. A fazenda não sofreu nenhuma modificação. Apenas foi restaurado um velho engenho de pinga.

Quando os Biagi adquiriram a fazenda de Schmidt deixaram muito desgostosa a família Balbo, sua vizinha, que possui duas usinas e uma produção de 2,2 milhões de sacas de açúcar em Sertãozinho. "Nós queríamos a fazenda porque foi lá que nosso pai começou", explica Nêmezes Balbo, diretor-superintendente do grupo. O velho Atílio Balbo, 82 anos, foi empregado de Schmidt, como "carroceiro com dois burros e carreiro com dois bois". "Depois

vim subindo que nem escada", explica ele, ainda lúcido e forte. Quando o império de Schmidt, em 1929, após sua morte, entrou em concordata, Atílio Balbo foi encarregado de administrar a usina de açúcar do grupo, da qual já era gerente, ajudado pelos filhos. Alexandre era escriturário; Alcídio, o ajustador; Giacomo, o torneiro; o motorista era Nêmezes; e Argemiro, o fundidor. Os três mais novos estudavam. Em 1946 as economias de todos os irmãos foram juntadas e os Balbo adquiriram a usina Santo Antônio e mais 5 alqueires de terra por 800 mil cruzeiros da época.

Estilo — Hoje os Balbo talvez se constituam no mais típico representante paulista da dinastia do açúcar. São homens simples, desconfiados, com uma imensa capacidade de trabalho. Cada irmão recebe um salário mensal de 20 000 cruzeiros. E as despesas das usinas são rigorosamente controladas. Em suas terras, por exemplo, eles fizeram três lagos para irrigação e aproveitaram para construir um clube em cada um deles, somente para os Balbo e amigos. Mas a única coisa de graça são os peixes. Cada refrigerante que tomam é descontado no fim do mês em seu salário. E, por saca de açúcar que levam para casa, os Balbo pagam à usina preços de mercado. "Fizemos isso depois que descobrimos que tinha um irmão pagando a empregada com açúcar", revela um deles. No final do ano, os dividendos recebidos são aplicados no mais prosaico dos investimentos: imóveis. Apenas o irmão mais velho, Alexandre, enveredou por outros negócios porque seus filhos, depois de formados, não conseguiram emprego nas usinas. "Vinham esses meninos, formados e cultos, e iam querer dar ordens para os tios", pensaram os Balbo de comum acordo.

Aos filhos de Alexandre restou a alternativa de montar a maior construtora de Ribeirão Preto, além de uma fábrica de cachaça com capacidade para 800 000 litros diários. Tudo através de financiamentos, com o aval de Alexandre. Pois o dinheiro da cana, decidiram novamente os Balbo, é para ser aplicado na cana. A única vaidade dos Balbo é ade ostentar uma limpeza e uma organização modelares nas usinas — herança do irmão Waldemar, falecido, engenheiro agrônomo e halterofilista, conhecido nas academias de cultura física da região por "Sansão". Como diz o velho Atílio, "não importa quanto o homem tem, importa que ele esteja comprando". Pensando nisso, quando a expansão de suas terras encontrou pela frente o rio Pardo, os Balbo não vacilaram. Construíram duas balsas, com capacidade de 60 toneladas cada, cruzaram o rio e acrescentaram mais 2 000 alqueires às suas terras, perfazendo um total de 5 000 alqueires de cana. Em seguida mandaram imprimir um cartão postal onde se anunciavam como "o grupo que mais fabrica açúcar na cidade (Sertãozinho), que mais fabrica açúcar no Estado (São Paulo), que mais fabrica açúcar no país (Brasil), que mais fabrica açúcar no universo". "Os Biagi fabricam mais", confia um deles, "mas nem todas suas usinas estão instaladas em Sertãozinho."

Tão característico como os Balbo, seria o comendador Luiz Meneghel, proprietário da usina Bandeirantes, no norte do Paraná, que deverá produzir 1,2 milhão de sacas este ano. Ele desembarcou em 1941 em Bandeirantes, cidade fundada seis anos antes e que contava com uma população de 7 000 habitantes vindos de Piracicaba. Trazia consigo oito filhos, pouco capital mas suficiente para adquirir, de início, 31 alqueires de terras. Dois anos mais tarde comprou a cota de um pequeno engenho de açúcar mascavo e se pôs a crescer. Hoje, a usina representa 80% da vida e da economia do município, atualmente com 45 000 habitantes. A escola de agronomia da cidade chama-se Comendador Meneghel, o mesmo nome do estádio de futebol local, propriedade da família, assim como o time de futebol da cidade — o União Bandeirante —, três vezes vice-campeão do Estado. "Criamos o time para dar um pouco de motivação para os funcionários", explica Serafim Meneghel, um dos filhos do comendador. Com suas longas barbas e cabelos, chapéus de abas largas e um revólver calibre 32 na cintura, do qual não se separa nunca, é o que mais lembra o pai, quando jovem. Quanto ao velho comendador, com 76 anos, continua inspecionando a usina todos os dias. Nunca se mudou para a cidade. "Não poderia dormir sem ouvir o barulho da usina dia e noite", confessa

ele. E até hoje não foi buscar o título de Cidadão Honorário do Paraná, que a Assembléia Legislativa lhe conferiu em 1974. "Fico muito nervoso nessas solenidades", diz ele, "me ataca a bexiga."

**(Páginas 72, 73, 74, 75)**